

Capítulo 1

O Diabo está nos detalhes.

Rodeada de milhares de seguidores de Satanás, Evangeline Hollis entendia agora a verdadeira essência do adágio. Alguns usavam bonés de basebol dos Seattle Seahawks, outros, camisolas dos San Diego Charger, mas todos eles tinham intrincados padrões, semelhantes a tatuagens tribais, desenhados na pele, que denunciavam não apenas a espécie de ser amaldiçoado que eram, mas também a sua posição na hierarquia infernal. Com a sua visão apurada, Eve encarava tudo aquilo como um maldito festival de pecadores. Bebiam cerveja e devoravam nachos, acenando com gigantescos dedos de esponja.

Tratava-se, na realidade, de um jogo de futebol americano no Estádio de Qualcomm. O dia estava soalheiro e quente – um perfeito clássico do Sul da Califórnia. Vinte e seis graus, temperados por uma brisa deliciosamente fresca. Os Mortais misturavam-se com seres Infernais, num estado de abençoada ignorância, desfrutando simplesmente de uma tarde de desporto de bancada. Eve achava a cena macabra. Era como ver lobos esfaimados a apanharem sol junto de cordeiros. Sangue, violência e morte seria o resultado inevitável de qualquer interação entre ambas as partes.

– Para de pensar neles.

Estremeceu por dentro ao ouvir a voz gutural e sensual de Alec Caim, porém, limitou-se a dirigir-lhe um olhar sentido por cima dos óculos de sol. Ele passava a vida a dizer-lhe que ignorasse as presas quando não estivessem a caçar. Como se fadas degeneradas, demónios, magos, lobisomens, dragões e os milhares de variantes dos ditos fossem fáceis de ignorar.

– Está uma mulher a amamentar o filho ao lado de um incubo – murmurou.

– Meu anjo – o epíteto percorreu-lhe a pele como uma carícia. A voz de Alec poderia converter meras orientações de estrada em preliminares. – Já te esqueceste que estamos de folga?

Ela bufou e desviou o olhar. Com um pouco mais de um metro e oitenta, Alec fora brindado com um peito robusto e um abdómen firme, sulcado de músculos, que se adivinhavam mesmo por cima da camisola de alças branca e justa. Tinha umas pernas longas e musculosas, agora em exposição, sob um par de Dickies até ao joelho, e uns bíceps tão maravilhosamente definidos que eram alvo da cobiça de homens e mulheres.

De vez em quando... era seu amante. Como todos os doces, Alec era delicioso e gratificante, mas se saboreado em demasia provocava-lhe hipoglicemia, deixando-a aturdida e vacilante. Também lhe arruinara a vida tal como a concebia. A sua ambição, em termos de carreira, era ser *designer* de interiores e não caçadora de prémios.

– Como se fosse assim tão simples – resmungou Eve. – Como posso sentir-me em férias se estou rodeada de trabalho? Além disso, fedem, mesmo quando os ignoro.

– Eu só sinto o teu cheiro – ronronou ele, inclinando-se e roçando-lhe o nariz na face. – Hummm...

– Apavora-me que estejam por toda a parte. Ontem fui ao McDonald's e a pessoa que me serviu à janela era uma fada. Não consegui sequer comer o meu Big Mac.

– Aposto que comeste as batatas fritas. – Alec puxou os óculos escuros para baixo e fitou-a com uma expressão sombria. – Há uma diferença entre estar atento e entrar em paranoia.

– Sou cautelosa, mas não sou um caso perdido. Farei o melhor que puder, até descobrir a forma de me libertar desta história da marca.

– Estou orgulhoso de ti.

Eve suspirou. Ter Alec como mentor era uma péssima ideia e não apenas pelo facto de ser o equivalente ao teste do sofá¹ em Hollywood,

¹ Eufemismo para fenómeno sociológico que envolve a troca de favores sexuais, normalmente, tendo como objetivo subir na carreira (N. da T.).

aos olhos da maioria dos Marcados. Pouco importa que o verdadeiro teste do sofá consistisse na troca de favores sexuais por uma posição *desejada*. Ninguém jamais desejaria a Marca de Caim.

A hierarquia dos Marcados começava nas bases, com os recém-chegados, e culminava em Alec, o primeiro e o mais duro de todos os Marcados. Não havia forma de o superar nem de trabalhar com ele. Ele era a quinta-essência do solitário, no sentido mais literal da palavra. E, no entanto, ali estava Eve, uma recém-chegada, há seis semanas no terreno, firmemente empoleirada no topo, porque ele não confiava em ninguém para a proteger. Ela era importante para ele.

Para os outros Marcados, trabalhar com o principal executor de Deus só podia ser sinónimo de férias, e embora fosse verdade que os Infernais não se metiam com Alec, a menos que desejassem morrer, isso não facilitava nada as coisas. Para piorar a situação, Alec fora marcado há tanto tempo que já não se lembrava o que era ser um recém-chegado, em estado de confusão. Isso era algo que ele esperava simplesmente que ela “soubesse” e ficou frustrado quando percebeu que não.

Apertou-lhe a mão.

– O que é feito da rapariga que apenas desejava esquecer tudo durante algumas horas?

– Isso foi antes de ela ser raptada e praticamente feita em pedaços – disse Eve, levantando-se. – Volto já. Preciso de ir à casinha.

Alec agarrou-lhe o pulso. Ela arqueou as sobranceiras interrogativamente.

– Meu anjo – disse ele, beijando-lhe as costas da mão. – Quando te digo para parares de pensar neles, não é porque queira que vivas num mundo de fantasia. Quero apenas que vejas o que há de bom em teu redor. Viste uma mãe cuidar do seu bebé, mas não reparaste no milagre que isso encerra, pois estavas demasiado concentrada no demónio sentado a seu lado. Não lhes dês poder para que te estraguem o dia.

Eve franziu o sobrolho e assimilou as palavras dele, acenando depois com a cabeça, em sinal de anuência. Se Alec vivia com a Marca há uma eternidade e conseguia ainda ver milagres, também ela poderia tentar.

– Volto já – disse.

Ele largou-a. Depois de passar cuidadosamente pelos outros espectadores sentados na mesma bancada, Eve subiu a correr os amplos degraus de cimento. Ainda ficava maravilhada com a velocidade, a força e agilidade que ganhara graças à marca gravada na parte superior do braço. Sempre fora atlética, mas agora era a supermulher. Bom... não podia voar, mas conseguia saltar alto como o raio. Conseguia também ver no escuro e arrombar portas trancadas, habilidades que nunca imaginara vir a necessitar ou a apreciar.

Eve alcançou o átrio e seguiu as indicações até aos lavabos mais próximos. A fila chegou à porta. Felizmente não estava desesperada. Precisava sobretudo de sair do seu lugar.

Por isso esperou pacientemente, baloiçando-se sobre as havaianas, de mãos nos bolsos. De vez em quando, uma brisa despenteava-lhe o rabo-de-cavalo, arrastando consigo o cheiro do mal e almas em putrefação, um fedor pungente que lhe dava a volta ao estômago, algures entre o cheiro a decomposição e o fedor da merda fresca. Surpreendia-a o facto de os Intocados não se aperceberem dele.

Como era possível ter vivido vinte e oito anos da sua vida num estado de absoluta ignorância? Como era possível que Alec vivesse há séculos num estado de absoluta consciência?

– Mãe! – O rapazinho à sua frente cruzava as pernas e remexia-se furiosamente. – Tenho de ir!

O facto de a mulher parecer irmã da criança não era motivo de grande surpresa. No Sul da Califórnia, muitas mulheres que não envelheciam convertiam-se em caricaturas plastificadas da sua versão juvenil. Esta era loura-oxigenada, com um bronzeado perfeito, seios demasiado grandes para a sua constituição esguia e lábios volumosos e brilhantes.

A mãe olhou em redor.

– Deixa-me ir à casa de banho dos homens – implorou ele.

– Eu não posso lá entrar contigo.

– Faço num instante!

O rapaz devia ter uns 6 anos. Já era suficientemente crescido para fazer xixi sozinho, mas Eve entendia a preocupação da mãe. Uma criança fora assassinada numa casa de banho pública, ali perto, em

Oceanside, enquanto a tia a esperava cá fora. O demónio que orquestrara tal horror usara o truque mais velho do mundo – fingir ser Deus.

A atormentada mãe hesitou durante muito tempo, acabando por acenar nervosamente com a cabeça.

– Despacha-te. Podes lavar as mãos, aqui, na casa de banho das senhoras.

O rapaz passou pelos chafarizes a correr e enfiou-se na casa de banho dos homens. Eve dirigiu um sorriso compadecido à mãe. A fila ia avançando lentamente. Duas adolescentes reuniram-se a esta, atrás de si. Vestiam *tops* de alças sobrepostos e calças de cós baixo, a grande moda do momento. Um cheiro a perfume caro impregnava o ar em redor delas – atenuando de forma perfeita o cheiro a decomposição. No estádio, a multidão rugiu. Um dos defesas laterais dos Chargers era um lobisomem. Devia ter feito algo digno de aplausos a avaliar pela ovação de alta frequência dos Infernais presentes no meio da multidão.

– Porque está uma fila tão grande? – perguntou a rapariga atrás dela. Eve encolheu os ombros, mas a mulher que estava à sua frente respondeu:

– As casas de banho acolá – apontou para a esquerda com uma unha de gel – estão fechadas para obras.

Nem de propósito, Eve sentiu um formigueiro e depois um ardor na marca gravada no deltoide. Suspirou e abandonou o seu lugar.

– Podes ficar com o meu lugar. Não estou muito aflita.

– Obrigada – respondeu a adolescente.

Eve dirigiu-se para a esquerda, resmungando para consigo mesma:

– Grandes férias.

– Mas também já estavas saturada, querida – ronronou-lhe uma voz familiar.

Eve olhou para o lado e viu Reed Abel acertar passo com ela, com um sorriso demoníaco, que contradizia em pleno as asas e a auréola que exibia de vez em quando para impressionar. O irmão de Alec era um *mal'akh*², mas tinha muito pouco de anjélico.

² Palavra hebraica que significa “mensageiro”. Ente espiritual que serve de elo de ligação entre o Homem e o Criador (N. da T.).

– Isso não quer dizer que quisesse que me pusessem a trabalhar. – Reed era o monitor responsável pelas suas missões, o que era um golpe baixo do seu ponto de vista. O motivo por que Deus permitia e encorajava divergências entre os dois irmãos estava para além da sua compreensão.

– Podíamos pôr-nos na alheta – sugeriu. – Ir dar uma cambalhota e suar um pouco.

Nem morta aceitaria tal convite. Tal como o irmão, Reed reben-tava com uma mulher no bom e no mau sentido.

– Mas que raio de missão é essa? Estás a brincar? Precisas de mim para algo mais substancial ou não?

– Antes achaste-a bastante substancial. – Piscou-lhe o olho, maliciosamente.

Eve deu-lhe uma palmada.

– Não sejas grosseiro. Recuso-me a ser disputada entre ti e o teu irmão como se fosse um brinquedo novo. Vai à procura de outra coisa com que brincar.

– Eu não estou a brincar contigo.

Havia um quê de sinceridade no seu tom de voz, mas ela ignorou-o por necessidade, ainda que algumas partes menos circunspectas do seu corpo se animassem.

– A casa de banho? – perguntou, ao ver a luz amarela que indicava “Fora de Serviço”.

– Sim. – Agarrou-lhe no braço e puxou-a para junto de si. – Ragu-el deu a entender que era altura de expandir a tua formação teórica. Vou buscar Caim.

Ragueo era o arcanjo sob cuja alçada ficara, o agente de fianças. Reed era o executor e ela era a caçadora de prémios. O sistema funcionava bem com a maioria, mas o seu percurso fora acidentado desde o início.

Cheirou o ar, franzindo o nariz ao sentir o fedor acre dos Infernais.

– Isto é como mandar uma estudante de Medicina fazer uma cirurgia ao cérebro no primeiro dia em que lê alguma coisa sobre o assunto.

– Tu não tens consciência dos teus poderes, querida.

Ela olhou-o, furiosa.

– Sei quando estou a levar uma sova.

– Estás a sair-te bem, até agora. Este é um lobo e tu sabes lidar bem com eles. Seja como for, tem cuidado.

– Isso é fácil de dizer. Não és tu que arriscas o coiro.

Ele encostou-lhe bruscamente os lábios à têmpora, beijando-a com força. – Arriscar o teu é o suficiente para mim, acredita.

Ignorando o sinal de “Fora de Serviço”, Eve entrou na casa de banho dos homens, lamentando ter as suas havaianas preferidas calçadas. Devido aos rigores da profissão habituara-se a calçar botas de combate sempre que saía de casa, mas Alec convencera-a a vestir roupa desportiva naquele dia. Devia ter pensado duas vezes.

Um odor intenso a amoníaco, de urina passada, invadiu-lhe as narinas. Não foi difícil descobrir o seu alvo. Parado no centro do recinto, sozinho, estava um lobisomem adolescente que lhe era estranhamente familiar.

– Lembras-te de mim? – perguntou ele, sorrindo.

O rapaz era alto e magro, com um rosto alongado e vulgar. Usava uma *sweatshirt* sebenta, cinzenta, com capuz, e uns *jeans* de tal forma descaídos que tinha o rabo de fora. Um ponto escuro percorreu-lhe a face, detendo-se sob o malar esquerdo. Era o seu detalhe – espirais em torno de uma forma de diamante. Tal como a marca no seu braço, servia um propósito semelhante às insígnias militares.

Reconheceu-o subitamente, sentindo de imediato um arrepio na espinha. Não devias estar no Norte da Califórnia com a tua alcateia?

– O Alfa mandou-me vir ajustar contas. Acha que Caim precisa de aprender o que é perder alguém que se ama.

– Não havia forma de salvar o filho do Alfa – argumentou ela.

– Caim não escolhe a sua caça. Cumpre ordens.

– Ele fez um acordo, por tua causa, e quebrou a promessa.

Eve franziu o sobrolho. Alec nunca lhe falara de acordo algum, mas deixaria isso para mais tarde. Havia uma questão mais premente.

– Achas que me consegues vencer sozinho?

A sua expressão afetada converteu-se num sorriso.

– Eu trouxe um amigo.

– Bestial. – Aquilo não era bom sinal.

O enorme cubículo para deficientes, ao fundo da sala, escancarou-se e algo de horrendo saiu pesadamente. *Com os diabos*, um Infernal daquele tamanho devia cheirar mal a léguas de distância, mas apenas lhe cheirava a lobo.

O dragão não se transmutara por completo. Ainda usava calças e sapatos e a cabeça estava coberta de cabelo escuro, mas a sua boca era agora um focinho protuberante, com uma fiada de dentes aguçados como lâminas. Tinha olhos de lagarto e toda a pele visível estava coberta de escamas de várias tonalidades.

– Tens um cheiro apetitoso – rosnou.

Constara-lhe que os Marcados libertavam um odor excessivamente adocicado para os Infernais, o que a fez rir em silêncio, pois não havia Marcados doces. Todos eles eram amargos.

– Pois tu não cheiras a nada.

Falhámos, concluiu, com uma sensação de angústia no seu íntimo. Os Infernais dispunham de meios para se esconderem no meio de multidões.

– Brilhante, não é? – perguntou o lobo. – É óbvio que não destruíram por completo a nossa operação.

O dragão rugiu, produzindo um ruído ensurdecedor que ecoou no espaço confinado da casa de banho. Porém, os Mortais não o conseguiam ouvir e os tímpanos de Eve eram indestrutíveis, apesar da sua sensibilidade celestial. Outra vantagem resultante da marca. O dragão afastou o lobo para o lado e avançou pesadamente.

– Acho que isto é a deixa para eu me retirar – disse o miúdo.
– Darei cumprimentos vossos ao Alfa.

Eve continuava de olhos pregados no seu adversário.

– Sim, diz-lhe que se meteu com a mulher errada.

O lobo deu uma gargalhada e foi-se embora. Quem lhe dera poder fazer o mesmo.

Apesar da sua fanfarronice, sentia não estar à altura. Se conseguisse reagir fisicamente à tensão, estaria sem fôlego, com o coração a martelar-lhe o peito. Sem dúvida que iria sofrer quando aquele confronto terminasse. Isto se ainda estivesse viva. Uma criatura religiosa rezaria para que Alec aparecesse depressa, mas isso estava fora

de questão para Eve. O Todo-Poderoso fazia rigorosamente o que lhe apetecia. O propósito da oração era dar ao suplicante a ilusão de estar a fazer algo de útil, mas Eve sentia sempre estar a desperdiçar o seu fôlego.

– Onde está Caim? – rosnou o dragão, aproximando-se pesadamente dela, na sua passada gigantesca. – Sinto o fedor dele em ti.

– Está a assistir ao jogo, que é o que tu devias estar a fazer. – Eve não podia correr o risco de lhe dizer que Alec estava a chegar, pois ele poderia matá-la rapidamente e fugir. Sem odor que o denunciasse, Alec poderia não dar por ele na sua forma humana. Mas se o dragão pensasse que tinha tempo, poderia brincar com ela. Os Infernais gostavam de brincar.

– Preciso de um petisco. – A sua voz era tão gutural que ela mal conseguia entendê-lo. – Tu serves muito bem.

– Já provaste os nachos? – sugeriu ela, cerrando os punhos. A energia acumulava-se dentro de si, tal como a fome e a agressividade. Era primitiva, animalesca, e não o tipo de violência elegante que esperaria que Deus empregasse na destruição dos seus inimigos. A vaga de energia era brutal... viciante. – As batatas são requentadas e o queijo é de lata, mas são muito menos perigosos para a tua saúde.

Ele conteve uma gargalhada que o fez projetar um jato de fogo pelas narinas.

– Eu ouvi falar de ti. Não representas qualquer ameaça para mim.

– A sério? – Eve inclinou a cabeça e franziu o sobrolho, fingindo-se confusa. Os demónios utilizavam o sarcasmo, as evasivas e as mentiras em seu proveito. Eve também. – Quando recebeste a última atualização a meu respeito? É bem provável que estejas desatualizado, a menos que o Inferno tenha uma *newsletter* ou um *chat*.

– És convencida e estúpida. Achas que essa ferroada na Terra de Cima fez de ti uma heroína? As ramificações do Inferno são como a Hidra, minha cabra. Se cortares uma cabeça, faremos crescer duas no seu lugar.

Eve sentiu um nó gelado no estômago.

– Mais haverá para cortar – conseguiu dizer a custo, ainda que a voz lhe tremesse um pouco.

O dragão ergueu as mãos. Garras grossas e aguçadas cresceram-lhe nas pontas dos dedos. Ele dirigiu-lhe um olhar lascivo, com baba a escorrer-lhe da boca escancarada.

– És um bebé. Deves ser tenra e sumarenta.

– *Um bebé?* – disse ela, num tom desdenhoso, resistindo ao impulso de recuar. – Fazes ideia do que eu passei nas últimas seis semanas? Tenho sérios problemas de agressividade laboral.

Eve afastou as pernas, ergueu os punhos e respirou fundo. Aquilo ia doer.

– Preparado para o testemunhares com os teus próprios olhos?

O dragão respirou pesadamente e transformou-se, assumindo a sua aparência natural de réptil, e cresceu para ela, de cabeça curvada sobre um longo e elegante pescoço, para não bater no teto. Era uma bela criatura, com escamas iridescentes e linhas esguias. O problema é que aquela maravilhosa pele era dura como cimento. Se a tentasse atingir a murro ou a pontapé, só ela sentiria dor.

A pele deles é virtualmente indestrutível, ensinara-lhe Raguel, em Dragão 101. Os seus pontos fracos são as membranas entre os dedos dos pés, a articulação que liga as patas dianteiras ao torso, os olhos e o reto. As primeiras não lhe causarão ferimentos mortais, as articulações e os olhos exigem proximidade, o que poderá ser a vossa morte, e o reto... bom, o reto é como os miúdos dizem: nem queiram lá chegar perto.

Eve esticou a mão e invocou uma espada. A arma apareceu e ficou a pairar no ar, toda ela em chamas, à exceção do punho. Fogo. Fogo no Céu e no Inferno. Um jato de fogo explodiu das narinas do dragão, obrigando-a saltar para trás, para não se queimar.

Cambada de piromaníacos.

Se pudesse escolher, teria preferido usar o seu revólver, mas não podia andar sempre com ele, e o Todo-Poderoso preferia a espada flamejante. Ninguém poderia dizer que Deus não tinha queda para o drama. Ele tinha plena consciência dos seus pontos fortes e a intimidação aparatosa era um deles.

O dragão sorriu, riu ou engasgou-se... pouco importa. Não estava impressionado. Irritada com a ruidosa manifestação de gozo, Eve girou o pulso, usando uma boa parte do peso da espada para

aquecer. De início era o pior espadachim da turma, mas tornara-se medianamente hábil e estava a melhorar de dia para dia.

– Não me atingiste – escarneceu num tom ameaçador, retraindo-se ao sentir as havaianas coladas ao chão pegajoso. Que escolha de calçado mais estúpida.

Uma das muitas coisas que aprendera desde que aquele fardo lhe fora imposto era que uma aparência formidável contribuía em muito para esconder as suas deficiências. Os seus inimigos conseguiam cheirar-lhe o medo e tiravam partido disso. Estonteá-los com um pouco de arrogância era, por vezes, a única forma de ganhar alguma vantagem.

O dragão deu um passo na sua direção, escavando sulcos nos ladrilhos com as garras e o chão vibrou com o seu peso. A barreira de chamas aquecera a sala, mas ela não transpirava. Era-lhe impossível transpirar. O seu corpo era agora um templo.

Brandindo a curta pata dianteira, o monstro rugiu num tom terrivelmente determinado, reagindo ao seu salto evasivo com um golpe da cauda, cuja extremidade exibia uma escama rija e pesada que era utilizada como bastão, e esta enterrou-se no sítio de onde se desviara tropegamente, com um guincho. O dragão libertou o apêndice do chão provocando uma chuva de pó de tijoleira.

Ela passou por ele a correr e ele girou sobre si mesmo, arrancando uma série de lavatórios da parede com a cauda. Eve contornou-o e conseguiu desalojar uma das suas escamas com um rápido golpe de espada.

Ele destruíra a casa de banho e ela mal lhe tocara.

– Cabra estúpida! – gritou o monstro, aparentemente indiferente à água que jorrava a rodos dos canos rotos.

O grau de ódio e malevolência estampado nos olhos do réptil potenciava o endurecimento gradual da sua alma, que a estava a modificar lenta e irreversivelmente.

A fúria de Eve cresceu, mascarando o seu terror. Infernais como aquele destinavam-se a Marcados muito mais experientes. Nunca o estaria a enfrentar se ele não tivesse camuflado o odor e os detalhes.

Estava metida numa grande alhada. Com os diabos, estava cansada

de andar sempre ensopada! Todos os Infernais que encontrava a encharcavam com água.

– Reed. – A voz não era a sua, mas sim a linguagem dos Marcados, mais grave e mais gutural. O tom, conhecido como “arauto”, era instintivo e indecifrável para os Infernais. – Despacha-te. Estou em apuros.

Foi varrida por uma sensação semelhante a uma brisa quente de verão – a resposta de Reed.

Erguendo o braço livre para se equilibrar, Eve começou a fintar e a aparar golpes, inclinando o torso para o lado, para reduzir a sua marca. Uma segunda rajada de chamas jorrou das narinas do dragão e ela protegeu-se com a espada. O calor chamuscou-lhe as costas da mão e ela gritou. O ferimento sararia em poucos minutos, mas isso não evitava o sofrimento inicial.

Eve caiu para trás, tropeçando em azulejos partidos, e gemeu ao sentir um caco aguçado penetrar na sola da sandália e enterrar-se profundamente no calcanhar. O calor viscoso e a sola escorregadia denunciaram a perda de sangue. O dragão rugiu triunfantemente ao cheirar os seus ferimentos e tentou atacá-la com os seus dentes aguçados como lâminas.

Morrer numa casa de banho de homens estava fora de questão.

– Assim tombaram os poderosos – disse Alec, com um sotaque arrastado.

Eve arquejou aliviada ao ouvir o som da sua voz, esquivando-se da temível cauda do monstro. Depois correu para trás dele e espreitou. Alec estava encostado à entrada ladrilhada da casa de banho, de braços cruzados. Parecia calmo e ligeiramente entediado, mas ao olhá-la de relance a sua expressão era terrivelmente sombria. Ela era a sua única fraqueza, uma vulnerabilidade que tentava a todo custo esconder.

– Caim – rosnou o dragão, numa postura cautelosa.

– Damon? Antes eras uma Autoridade, um membro da corte de Asmodeus. – Alec estalou a língua, como que a censurá-lo. – E agora prestas-te a aterrorizar Marcados recém-chegados?

– Eh – protestou Eva –, eu estou ótima, em comparação com a casa de banho. – O facto de o seu adversário estar de costas para

ela e não considerar isso perigoso era irritante. O que mais teria de fazer para merecer algum respeito?

A frustração dissipou o medo, dando lugar à ira e à determinação. Deslocando-se para o lado esquerdo do dragão, Eve saltou a toda a altura da sala e apoiou-se em peso sobre a lâmina descendente da espada, golpeando-lhe a fina prega que ligava a minúscula pata dianteira ao torso. O corte foi limpo, decepando-lhe o membro, que caiu no chão molhado com um ruído surdo. Sangue vermelho esguichou do ferimento acabado de infligir, misturando-se com a água que jorrava dos canos danificados.

O dragão urrou e virou-se, derrubando Eve. Ela derrapou alguns metros no lago manchado de sangue que cobria o chão destruído, e ele retaliou com uma rajada de fogo. O inferno de chamas envolveu-a derretendo-lhe o cabelo e a pele, da cabeça aos pés, e cozendo-a no dilúvio em seu redor. A dor era tanta que ela não conseguia articular um único som, e quando as chamas se extinguíram repentinamente desejou o alívio da morte.

Mas não iria morrer sozinha.

Estimulada pela adrenalina e a animosidade de uma mulher completamente saturada da sua vida, Eve levantou-se bruscamente e atirou-se contra o pescoço e o abdómen do monstro, agarrando-se firme e desesperadamente às suas escamas com uma só mão. O impacto contra a sua pele esfolada e queimada era devastador e ela gritou, quase deixando cair a espada.

Alec estava ali, diante dela, com um braço à volta do pescoço do dragão, tentando arrancar-lhe os olhos com a outra mão. O monstro debatia-se e guinchava, sacudindo o pescoço para trás e para diante, tentando em vão libertar-se dos seus atacantes.

Eve mergulhou a lâmina, a todo o comprimento, no ferimento vulnerável resultante do membro em falta, e sentiu umas garras enormes cravarem-se na sua espinha. O seu corpo arqueou-se, forçando a lâmina a enterrar-se mais alguns centímetros – o necessário para lhe atingir o coração.

O monstro uivou, explodindo depois em brasas incandescentes.

Eve estatelou-se no chão, paralisada pelos seus ferimentos, e ali

ficou a pestanejar, ofegante, rodeada pelo *requiem* gerado pelo dilúvio dos canos.

Foi surpreendida pela vibração de passos a chapinhar pesadamente na água e logo depois Alec puxou-a cuidadosamente para o seu colo.

– Meu anjo... – As mãos tremiam-lhe ao tocar-lhe hesitante-mente na pele devastada. – Não te atrevas a morrer, ouviste? Acabei de te salvar, raios...

– Alec. Ela tentou abrir os olhos mas isso exigia-lhe demasiado esforço. Tremores sacudiam-lhe o corpo violentado, a ponto de bater os dentes. O ligeiro travo a químicos da água de torneira impregnou-lhe as narinas, tal como o cheiro a cinzas, demónios e sangue. O *seu* sangue.

Conseguia enfim cheirar e saborear o seu travo adocicado.

– Estou aqui – disse ele e a sua voz embargou-se. – E...stou aqui.

– Foi o Alfa que fez isto.

– O quê?

– O Alfa queria... o filho... e tentou...

– Chiu, não fales, meu anjo. – Uma lágrima quente salpicou-lhe a carne ferida... depois outra. – Poupa as tuas forças.

– Algo nos escapou na Terra de Cima – sussurrou ela, afundando-se na escuridão crescente. A dor estava a desaparecer, o medo a dissipar-se. – Volta lá... Algo nos escapou...